

Folhetos de cordel no ensino de língua materna: a aula de leitura revisitada

*Cordel leaves in maternal language teaching:
the revisited reading class*

Linduarte Pereira Rodrigues

Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB – Brasil
linduartr@gmail.com

Rodrigo Nunes da Silva

Mestre em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB – Brasil
rodrygonunes22@gmail.com

Resumo: O estudo traz uma reflexão sobre métodos e práticas de leitura para aulas de Língua Materna, tendo em vista formar leitores proficientes, levando em consideração as tradições orais de transmissão cultural. Aponta possibilidades de abordagem do discurso pós-moderno a partir do folheto de cordel. Objetiva sugerir um trabalho em turmas de ensino médio, com vistas a desenvolver a proficiência leitora e o aprimoramento de conhecimentos essenciais à contemporaneidade. A proposta situa-se numa perspectiva educacional, perpassando as teorias da análise do discurso (AD) e da linguagem. Para tanto, apoia-se em estudos já realizados por Bakhtin/Voloshinov (2004), Hall (2005), Orlandi (2009), Possenti (2009), Sacristán (2002), entre outros. O propósito foi despertar nos alunos o gosto pela leitura e a funcionalidade de gêneros discursivos diversos na escola e na sociedade, o que em nossa prática foi evidenciado pela leitura do cordel.

Palavras-chave: Leitura. Cordel. Discurso pós-moderno. Educação.

Abstract: The study brings a reflection on methods and practices of reading for Mother Language classes, aiming to train proficient readers, taking into account the oral traditions of cultural transmission. It points out possibilities of approach of the postmodern discourse from the cordel pamphlet. It aims to suggest a work in high school classes, with a view to developing reading proficiency and improving knowledge essential to contemporaneity. The proposal is based on an educational perspective, spanning theories of discourse analysis (AD) and language. For this, it is based on studies already carried out by Bakhtin/Voloshinov (2004), Hall (2005), Orlandi (2009), Possenti (2009), Sacristán (2002), among others. The purpose was to awaken in students the taste for reading and the functionality of diverse discursive genres in school and in society, which in our practice begins by reading the cordel.

Keywords: Reading. Cordel. Postmodern discourse. Education.

Introdução

A partir da perspectiva da Análise do Discurso de vertente francesa (AD), para compreendermos um texto ou mesmo produzi-lo, enveredamos pelas condições em que se dá a produção desse texto, levando em conta não apenas quem escreve, quando ou onde foi escrito determinado texto, mas também o contexto amplo em que essa produção se dá: as crenças, os valores, os aspectos sociais, políticos, históricos, entre outros, que os sujeitos carregam consigo. O poeta popular é voz de uma memória social, denunciando o modo de ver o mundo de uma região, o que faz do cordel um valioso instrumento de pesquisas linguístico-textuais nas escolas e universidades.

A área da educação tem sido “bombardeada” pela famigerada crise dos sistemas e estruturas fortificadas na modernidade. Vivemos em uma época em que praticamente tudo é questionado, relativizado. As crises e rupturas são características da dita sociedade pós-moderna, mas como isso tem sido discutido em sala de aula? Quando o assunto é o discurso pós-moderno, como o cordel pode contribuir em aulas de língua materna, visando despertar a leitura crítica dos alunos de ensino médio? Com o intuito de responder essas questões, buscamos neste trabalho apresentar algumas possibilidades de atividades para a aula de língua materna (ensino médio), para desenvolver nos alunos a proficiência leitora e o aprimoramento de conhecimentos essenciais à contemporaneidade e que envolvam o discurso pós-moderno. O trabalho justifica-se pela necessidade de estudos sobre a linguagem que envolva o sujeito aluno no mundo pós-moderno nas aulas de leitura, numa interface de análise discursiva e produção de sentidos.

Através de uma pesquisa bibliográfica, buscamos base teórica nas leituras efetuadas em Bakhtin/Voloshinov (2004), sobre os estudos da linguagem; em Hall (2005), sobre a condição do sujeito pós-moderno e identidade cultural; em Orlandi (2009), sobre memória discursiva; em Possenti (2009), sobre questões formuladas pela AD referentes à leitura; em Sacristán (2002), sobre cultura e educação na sociedade contemporânea, entre outros. De início, apresentamos as contribuições que a AD trouxe para os estudos linguísticos, especificamente para prática de leitura. Veremos o destrinchar do termo discurso, conceitos de ideologia, de memória discursiva, entre outros elementos que fazem o momento da leitura ser entendido como um processo de interlocução entre leitor/texto/autor. Com isso,

veremos que o sujeito leitor, especificamente o aluno de ensino médio, jamais será passivo, mas um agente que busca sentido nos textos lidos.

Em seguida, trataremos uma abordagem sobre o discurso pós-moderno na educação, discutindo a relevância do tema diversidade cultural em sala de aula, para o desenvolvimento de uma cultura de paz, tolerância e respeito pelas diferenças culturais. Logo adiante, discutimos sobre a função social do poeta popular, uma vez que ele atua como instrumento de uma memória coletiva, detentor de informações e relatos sociais produzidos pela sociedade.

A partir da análise do folheto “A pós-modernidade ou um mundo desacanhado”, do poeta popular Tiago Marinho (2011), trataremos sugestões práticas de como abordar o discurso pós-moderno em sala de aula de língua materna no ensino médio, através de atividades direcionadas que promovam o desenvolvimento de um sujeito leitor que pratica a leitura numa concepção ampla, discursiva, dialógica. Neste cenário, o professor tem importante papel, ao mediar e elaborar atividades que visem à interpretação, os sentidos explícitos e implícitos da situação discursiva apresentada. Além disso, ele pode interagir com os alunos, levando-os a refletir sobre pontos positivos e negativos encontrados na dita sociedade pós-moderna, com o intuito de promover o respeito às diversas manifestações culturais. Pode ainda elaborar atividades com fim de reconhecer, relacionar, identificar e se posicionar sobre o caráter informacional do folheto, para que os alunos compartilhem e dialoguem experiências múltiplas, com vistas a fortalecer valores e práticas sociais. Dessa forma, estará cumprindo o dever de formar cidadãos críticos e reflexivos, oferecendo soluções para melhorar a vida da sociedade em que habita.

Análise do discurso e leitura

Os estudos referentes à AD trouxeram enormes contribuições, principalmente quando nos referimos ao modo como o “fazer leitura” tem sido trabalhado em sala de aula. Para Bakhtin; Voloshinov (2004, p. 172), “as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos”. O signo verbal (entendido como unidade dotado de significado) não pode ter um único sentido: vozes permeiam os signos e deles resultam confrontos, discórdias, atritos sociais e ideológicos. Dessa forma, é fato que quando ocorre uma transformação qualquer na sociedade, essa mudança

repercute imediatamente na língua e os sujeitos envolvidos, por pertencerem à comunidade, associam nas palavras essas mudanças sociais. Assim, as palavras vão exercer a função de uma memória coletiva, memória social.

A memória também faz parte da produção de um discurso. Ao falar sobre a questão da memória como construção de materialidade discursiva e sua complexidade, Pêcheux (1999, p. 52) diz que “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem os implícitos de que sua leitura necessita”. Orlandi (2009, p. 31) também fala em memória discursiva como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Para ela, o termo *discurso* ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico, ou seja, envolve conhecimentos extralinguísticos. É contextualizado, interativo; é uma forma de atuar, de agir sobre o outro, que trabalha com enunciados concretos, regido pelo dialogismo, que tem efeito polifônico, construindo-se e constituindo-se numa rede interdiscursiva.

A AD tem como norte a interpretação, os sentidos explícitos e implícitos de dada situação discursiva. Para compreendermos leitura como um processo de produção de sentidos é preciso enveredar pelas condições em que se faz essa leitura, o que levará em consideração quem lê, por que lê o texto e seu contexto, quem escreveu e quais foram os motivos para se escrever, que posicionamentos e ideologias estão por trás dos ditos e não ditos. Os discursos carregam aspectos externos que se materializam na língua e produzirão sentidos interpretados pelos sujeitos da situação comunicativa.

Desse modo, compreender um texto ou mesmo produzi-lo, nos faz enveredar pelas condições dessa produção, que levará em conta não apenas quem escreve, quando ou onde foi escrito determinado texto, mas também um contexto amplo em que essa produção se dá: as crenças, os valores, os aspectos sociais, políticos, históricos, entre outros, que os sujeitos carregam consigo.

Para Possenti (2009), há duas vertentes nas quais a AD situa a questão da leitura. A primeira “dedica-se a investigação do dispositivo social de circulação de textos, sem preocupação direta com a questão do sentido” (POSSENTI, 2009, p. 10-11). Nas palavras do autor, na segunda vertente: “interessa especificar em que medida cada fator funciona como uma restrição sobre o discurso seja sobre sua a circulação, seja sobre sua interpretação”. Enfatizaremos, em nosso trabalho, a segunda vertente. Assim, estaremos transitando pelos modos de

significação do discurso, dissecando formas diversas de ler, interpretar e atribuir sentidos aos enunciados.

Possenti (2009, p. 12), ainda se referindo sobre o ato de ler pelo viés da AD, explica que “a leitura não é a leitura de um texto enquanto texto, mas enquanto discurso, isto é, na medida em que é remetido a suas condições, principalmente institucionais, de produção”. Só conhecer os aspectos formais de uma língua não garantirá a leitura e compreensão de um texto. Compreender um texto é analisar as condições em que se encontram o autor, o leitor e o próprio texto, com foco na interação entre estes três ingredientes do ato de ler. Conforme apresenta Geraldi (2014, p. 107), “A leitura, por sua vez, é entendida como um processo de interlocução entre leitor/texto/autor.” Disso, apreendemos que o sujeito leitor jamais será passivo, mas um “agente que busca significações”, que busca sentido nos textos lidos.

Educação, cordel e o discurso pós-moderno

A literatura de cordel tem se tornado objeto de debates calorosos em eventos acadêmicos. Discussões polêmicas emanam do vasto universo temático dessa forma de expressão popular. O cordel acaba refletindo a vivência cotidiana, tratando desde os problemas atuais até a conservação de narrativas inspiradas no imaginário do povo e proveniente da cultura oral. Assim, o poeta popular acaba desenvolvendo diversas funções, tornando-se material textual de inclusão informacional de massa, de saberes e fazeres institucionalizados.

Em termos atuais, Evaristo (2000, p. 120) diz que “o cordel absorveu algumas tendências da modernidade, entre elas a veiculação de informações”, de fatos do cotidiano. Para a autora, “o cordel mantém, enquanto narrativa, algumas características de origem, como a função social educativa, de ensinamento, aconselhamento, e não apenas entretenimento ou fruição individual”. Assim, percebemos que as necessidades educacionais e sociocomunicativa do cotidiano exigem para o ambiente escolar a circulação de variados gêneros textuais e o cordel se mostra como instrumento valioso de pesquisas linguístico/textuais.

Bauman (2001) defende que o termo “pós-modernidade” condiz com a temporalidade das coisas e de tudo que correm, ou melhor, “escorrem” como

água. São fluídos, efêmeros. Não há certezas nem as coisas se mantêm, nem se estruturam, não ganham forma, pelo fato de tudo ser muito rápido. Tudo é questionável e está na “mira da verdade”, verdade relativizada.

Fala-se em crise do sistema educacional. Os problemas e crises enfrentados no ambiente escolar, na sociedade pós-moderna, tem sido palco de muita discussão, levando o profissional docente a buscar novas maneiras de apresentar os conteúdos exigidos pelo currículo escolar. Faz-se necessário repensar o currículo escolar, rompendo com a ideia de padronização e homogeneização instaurada no contexto da escola. A finalidade dessa reflexão seria a promoção cultural e abertura de espaços para o trabalho com a diversidade, pluralidade e cruzamentos das mais variadas culturas. Assim, concordamos com Sacristán (2002, p. 99), ao afirmar que “cultura é a base de um potente vínculo social que nos aproxima das pessoas com quem compartilhamos as representações do mundo, os traços culturais em geral e os modos de comunicação, formando um genérico nós cultural”.

A vida social é regida pelo o que diz o “global”, as imagens, estilos, os lugares, a mídia, enfim, os meios de comunicação acabam por criar tendências, influenciando significativamente no modo de viver das pessoas. Individualismo, prazer e consumo são palavras-chave no discurso do sujeito pós-moderno.

Criam-se as “redes sociais”. A cultura proporciona esse modo de pensar coletivo. Segundo Sacristán (2002), a vida social é desenvolvida em diferentes âmbitos sociais. Aflora-se o sentimento de pertencimento, o que leva o sujeito pós-moderno a criar redes de proximidades e afastamentos. “A educação deve desempenhar o papel de firmar e estimular o que nos une e de diminuir o que nos distância” (SACRISTÁN, 2002, p. 110).

Trazer esse assunto para a escola é tarefa do docente preocupado em transformar seu ambiente de trabalho para formação de cidadãos responsáveis. A sala de aula de língua materna precisa ser revisitada, com olhar para questões referentes às demandas educacionais da pós-modernidade, com vistas a promover a aprendizagem crítica e reflexiva do alunado. O aluno como sujeito social, torna-se protagonista de seu discurso a partir de um posicionamento crítico, que o promoverá a tornar-se um cidadão responsável e comprometido com a transformação do lugar em que habita.

O discurso pós-moderno na aula de leitura: folhetos de cordel, sugestões práticas

Pretendemos trazer algumas possibilidades de abordagem do discurso pós-moderno em sala de aula a partir do folheto de cordel “A pós-modernidade ou um mundo desacunhado”, de Tiago Marinho (2011). Veremos a visão defendida pelo poeta popular, detentor de uma visão coletiva, e como o professor pode dialogar com o alunado de ensino médio a partir de questões significativas para o conviver na contemporaneidade. Para tanto, elegemos a aula de língua materna como ambiente propício para o desenvolvimento de atividades que permitirão o aprimoramento do conhecimento do sujeito escolar.

Durante o processo de ação de um projeto de leitura, podemos realizar diversas atividades de modo que o ato de ler torne-se instrumento de participação, mudança e renovação sociocultural. Dessa forma, o momento da leitura passa a ser significativo e oportuno para que o aluno entre em contato com o diferente, enxergando a pluralidade cultural, os modos de aproximação e vínculos para que seja formado um sujeito capaz de exercer cidadania plena. A partir de um conceito amplo de leitura, pode-se ir além do caráter informacional trazido pelo folheto que se pretende trabalhar.

De início, cabe uma reflexão da capa do folheto. A imagem possui um caráter polissêmico, gerador de múltiplos sentidos. Durante uma atividade de leitura da imagem, o leitor pode criar diferentes efeitos de sentido e, ao mesmo tempo, pode ignorar outros. Isso acontece pelo fato de que cada leitor possui conhecimentos prévios distintos, relacionados através de um processo de referenciação e atualização do discurso pela linguagem.

A imagem da capa reflete uma visão de mundo, identidade e memória. Trata-se de uma antecipação da leitura do folheto, bastante sugestiva, por retratar um cenário típico do discurso pós-moderno. As capas de folhetos de cordéis, tradicionalmente, apresentam-se em xilogravura, arte popular da cultura medieval portuguesa herdada pelo Brasil e que se desenvolveu muito bem em terras nordestinas. Ultimamente, há o desenvolvimento do cordel pedagógico, com a representação de desenhos, fotografias etc., que se propaga com o auxílio das novas tecnologias, especificamente a computação gráfica. Em nosso estudo, evidencia-se o fato de que as imagens de capa trazem consigo uma carga de informação riquíssima para compreensão da mensagem que o poeta quer transmitir.

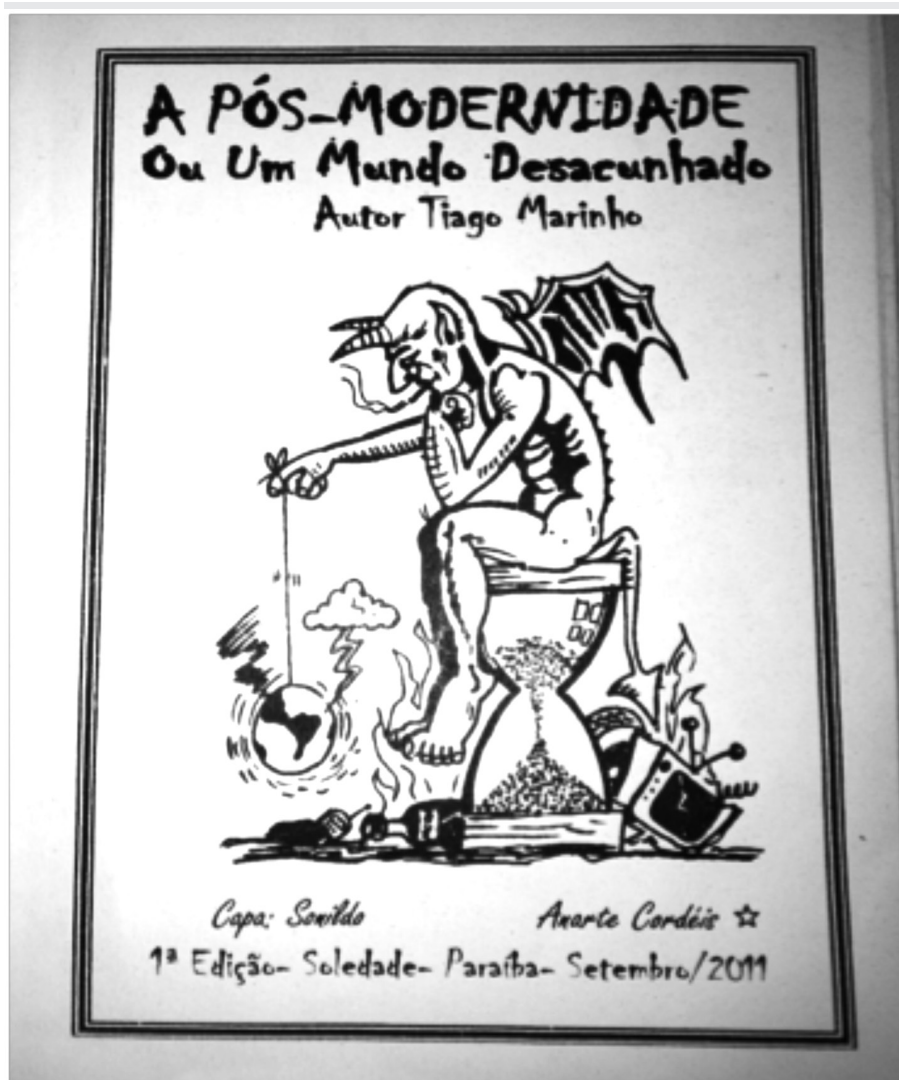


Figura 1: Capa do cordel “A pós-modernidade ou um mundo desacunhado”

Fonte: Acervo pessoal

A cena desenhada na capa aponta para um demônio sentado numa ampulheta “brincando” com o planeta Terra como se brinca com um ioiô, um dos mais antigos brinquedos (Terra/ioiô) existentes. Do planeta terra sai fumaça e cai uma tempestade (raios e trovões). Referência a uma ideia de mundo caótico, em crise, “desacunhado”. O termo desacunhado, presente no título do folheto,

mostra o universo vocabular em que o poeta se insere e ao público que se dirige. O termo faz referência àquilo que está em desordem, desalinhado, desmantelado, desarranjado, desconjuntado. A ampulheta atualiza o sentido de um tempo que passa fluidamente, dos medos do ser com relação ao futuro de sua espécie, ideia já cristalizada de um sujeito histórico que sofre com a incerteza da vida terrena (RODRIGUES, 2006; 2011). Há lixo no cenário: um celular, uma garrafa de bebida alcoólica, uma TV. Uma das principais características do pós-modernidade é, sem dúvida, a explosão tecnológica e consequentemente a facilidade de comunicação e disseminação de informações. Contudo, a imagem faz pensar nos pontos negativos desse “avanço tecnológico”. Nos dramas, perigos e riscos enfrentados por aqueles que não encontram um sentido para a vida.

O demônio se encontra na mesma posição de uma das mais famosas esculturas do escultor francês Auguste Rodin (O pensador), que retrata um homem em meditação. O demônio, enquanto fuma um cigarro, pensativo, observa atentamente o planeta Terra. Configura-se possuindo dois chifres, asas de morcego e rabo pontiagudo, oferecendo recurso para retomada de memórias cristalizadas a respeito da figura do diabo no discurso religioso cristão: o maioral e originador do mal, que aparece revestido de muitas características da condição humana. É como se a pós-modernidade fosse dirigida por ele e as mudanças, crises, conflitos e atritos gerassem algo não produtivo, desordem, confusão. Percebe-se que atualmente, diante do corre da vida e seus atropelos, do alto índice de violência, da corrupção de valores e princípios, entre outros fatores, o poeta popular se coloca como um neocordelista, denunciando a hipocrisia e os valores anticristãos. Vê-se, assim, que o tema evidenciado pelo cordel é produtivo para o debate no meio escolar, propiciando recurso metodológico para a aula de leitura no ensino médio.

O professor pode levar para sala de aula atividades com o intuito de promover o desenvolvimento do aluno como leitor que pratica a leitura numa concepção ampla, discursiva, dialógica. Ele pode, a partir das experiências dos alunos leitores, aproximar o discurso atualizado pela leitura da capa mediante o incentivo à exploração de suas memórias, exercício de análise linguística de base semântico-cognitiva que se efetiva por meio do recurso da intertextualidade, que permite a relação temática/discursiva dos sentidos postos no plano de fundo das questões pós-modernas exploradas pelas mídias, dentre elas, o folheto de cordel.

Frente ao exercício didático metodológico proposto, cabe à reflexão sobre quem enuncia no cordel e para quem o sujeito do cordel fala, além de ser relevante

permitir que o alunado busque compreender o motivo que orienta o enunciador se expressar dessa forma e não de outra. O folheto em destaque traz a abertura de um tema significativo e pode ser caminho para um trabalho que gere conhecimentos múltiplos e aperfeiçoamento discursivo, elementos importantes para a formação do jovem leitor. Pode-se ressaltar, ainda, a relação da capa com a poesia do cordel, considerando a compreensão do texto como uma atividade de interação entre o leitor e o autor por intermédio da síntese textual que compõe o gênero capa.

O poeta cordelista reflete nos versos do folheto sua indignação pela destruição dos valores na pós-modernidade. Ele acaba sendo um sujeito informante e líder da opinião pública, “recodificando” para um público popular aquilo que ele capta nos meios de comunicação de massa (GRANGEIRO, 2002). Os versos indicam que o poeta vê com olhos negativos as mudanças ocorridas “nessa tal pós-modernidade”, principalmente pela rapidez com que se dá e se faz as coisas, pela superficialidade e mudança de valores, pela incerteza quanto ao futuro e a ilusão do consumismo. Cabe ao professor discutir com seus alunos sobre essa visão do poeta, confrontando com outros pontos de vistas, ressaltando que a sociedade do consumo não é tão somente a de um individualismo egoísta, mas também da preocupação com questões ligadas a identidade e aceitação do outro que possui ponto de vista diferente.

As afirmações negativas do consumismo apresentadas pelo poeta revelam estereótipos e uma ideologia marcada, demonstrada pela característica própria de ver o mundo e interagir com ele. É salutar que o professor alerte os alunos para a conscientização de que o cordelista não deve ser classificado como sujeito preconceituoso, retrógrado e que não aceita as mudanças dos tempos pós-modernos, mas considerar que seus discursos permitem apontar para a reprodução de vozes sociais e, conseqüentemente, para a manutenção do ato de repugnar “o mundo fluído” pós-moderno (RODRIGUES, 2011).

É evidente a preocupação do poeta quanto aos valores ocidentais serem colocados em desconstrução. O fato é que “as transformações associadas com a pós-modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2005, p. 25), ocasionando confrontos e atritos nos sistemas de representação simbólica, seja na esfera da língua, da cultura ou mesmo das diferenças sexuais. Para Hall (2005, p. 22), essa “concepção mutante do sujeito humano” é vista como figura discursiva e diz respeito às transformações que o sujeito humano sofreu até herdar a pós-modernidade.

O professor da educação básica, visando o desenvolvimento de um trabalho com a leitura que permita a exploração dos sentidos e a própria atualização da produção discursiva, pode interagir com os alunos levando-os a refletir sobre pontos positivos e negativos encontrados na sociedade pós-moderna, com o intuito de promover uma cultura de respeito e paz. Pode ainda elaborar atividades para reconhecer, relacionar, identificar e se posicionar sobre o caráter informacional do folheto de cordel, aspectos essenciais ao exercício da compreensão textual. Como consequência, constrói-se em sala de aula um ambiente de interação através do conhecimento do “outro”, e do autoconhecimento, eliminando os possíveis conflitos e desafios levantados, compartilhando e dialogando experiências múltiplas para, assim, desenvolver o respeito pelo diferente. Por isso, o professor deve perseguir um caminho na contramão de toda forma de preconceito e discriminação, trazendo à tona o fortalecimento de valores mediante a prática social da leitura.

Considerações finais

O cordel é uma das formas mais significativas de expressão cultural da região nordeste. Como observado, levar folhetos de cordel para sala de aula significa propiciar que gêneros textuais que possuem forte ligação com o contexto social do leitor sejam inseridos na escola, fazendo com que os sujeitos sociais encontrem-se representados através dos discursos proferidos por aqueles que se denominam porta vozes do povo.

Em nosso trabalho, buscamos apresentar uma proposta de abordagem do tema da pós-modernidade para um trabalho com a leitura no ensino médio, a partir de folhetos de cordel. Evidenciamos uma possibilidade de trabalho com a leitura multimodal que visou promover o desenvolvimento crítico/reflexivo do alunado, com vistas a atender as demandas educacionais da sociedade contemporânea, principalmente as que se referem ao respeito pelo diferente e o fortalecimento de práticas culturais, propostas advindas do trabalho com a diversidade cultural (RODRIGUES, 2016).

A proposta apresentada visou demonstrar atividades de leitura numa perspectiva discursiva, levando em consideração o sujeito envolvido e as condições em que se dá a produção do texto lido. Vimos que o professor pode tomar o momento

da leitura como processo de interlocução entre o leitor, o texto e o(s) autor(es). O gosto pela novidade, inovação, o espírito de pesquisador, de instigador, o olhar para o mundo a partir de um ponto de vista outro, são elementos que devem permear a prática pedagógica dos docentes na contemporaneidade, para que a sala de aula possa ser de fato um *lócus* de interação e desenvolvimento do saber.

Para tanto, o ambiente de sala de aula precisa ser encarado a partir da totalidade de questões referente aos aspectos teóricos e metodológicos da pós-modernidade. O aluno como sujeito social, deve ter acesso aos variados textos/discursos, trilhar outros caminhos, discutir o mundo que o cerca, para que possa tomar posicionamento e tornar-se protagonista de seu discurso. A partir do momento em que o aluno torna-se sujeito de seu discurso, mostra-se evidente a contribuição de nosso fazer docente para a promoção leitora do alunado, elevando a autoestima e o nível de aprendizagem, além das expectativas de vida no cotidiano das cidades.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENEVIDES, Araceli Sobreira. A leitura como prática dialógica. In: ZOZOLI, R. M. D. e OLIVEIRA, M. B. (Org.). *Leitura, escrita e ensino*. Maceió: EDUFAL, 2008.
- EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.
- GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
- GRANGEIRO, Cláudia Regina Pinheiro. *O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte*. Crato, CE: A Província Edições, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MARINHO, Tiago. *A pós-modernidade ou um mundo desacunhado*. Soledade, PB: Cordel Editora Leandro Gomes de Barros, set, 2011.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, P. et. al. *O papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. *O apocalipse na literatura de cordel*: uma abordagem semiótica. João Pessoa: UFPB, 2006. (Dissertação) – Mestrado em Letras - Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, CE. 2006.

_____. *Vozes do fim dos tempos*: profecias em escrituras midiáticas. João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese) - Doutorado em Linguística e Ensino - Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, CE.

_____. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: aspectos culturais e formação docente. *Revista do Gelne*, Natal, RN, 2016, p. 140-167.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Educar e conviver na cultura global*: as exigências da cidadania-Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, J. F. *O que é pós-moderno*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 1990. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/lourdes/oqueposmodernojair.html>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

recebido em 27 abr. 2017 / aprovado em 31 jan. 2018

Para referenciar este texto:

RODRIGUES, L. P.; SILVA, R. N. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: a aula de leitura revisitada. *Dialogia*, São Paulo, n. 28, p. 59-71, jan./abr. 2018. [DOI: 10.5585/Dialogia.n28.7338]
